

# Ano eleitoral dificulta contenção de gastos, dizem especialistas

Num ano eleitoral, a política econômica torna-se refém do processo político, e isto dificulta a execução de contenções de despesas contra um aquecimento da economia, segundo especialistas consultados pelo **Jornal do Brasil**.

O corte, que segundo o ministro da Fazenda, Guido Mantega, seria de R\$ 10 bilhões, para ser efetivo, deveria ocorrer na área de investimentos, que no ano passado mobilizaram R\$ 28 bilhões do caixa do governo federal, no entender do economista especializado em contas públicas Raul Velloso.

O especialista diz que as des-

pesas de custeio referem-se mais a gastos com manutenção, que, pelo orçamento da União, representam 0,4% do Produto Interno Bruto do país, hoje na faixa de R\$ 3 trilhões. Assim, o total da rubrica seria de R\$ 12 bilhões, volume que não acomodaria o tamanho dos cortes anunciados pelo Ministério da Fazenda, explica Raul Velloso. Onde, então, o governo poderia cortar despesas?

Para o economista, a possibilidade de corte existe em investimentos já programados para setores que tenham menor capacidade de pressão.

— Isto, só o governo pode

explicar e identificar. Não podemos esquecer que toda a lógica do processo, agora, prende-se à eleição — diz Velloso.

No mesmo sentido manifesta-se Ruy Quintans, economista e professor do Ibmecc. Para ele, o anúncio da intenção de corte de despesas de custeio é medida que tem nexos com a política de contração fiscal destinada a evitar aceleração da inflação. Mas classifica a intenção como quase inócua, diante do fato de que, para manter superávit primário o governo central — que gasta mais de 90% do que arrecada — lança mais papéis da dívida pública, que

terão maior custo de carregamento devido à elevação dos juros pelo BC.

O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, disse ontem que as críticas de que o Brasil teria “os maiores juros do mundo refletem um discurso fácil de que a trajetória do dólar frente à moeda brasileira seria sempre cadente”.

— Os críticos não avaliaram a sério o alerta de que diversas causas influenciam a taxa de câmbio, como aversão ao risco internacional, fluxo de capitais, preços de commodities e, no médio prazo, a evolução da conta corrente — disse Meirelles.